Alternatividade: das rádios piratas às livres e de alto-falantes

Maria Ivanúcia Lopes da Costa[1]

Edson Alves de França[2]

Resumo

O presente artigo trata dos fenômenos alternativos da radiodifusão, quando do surgimento das primeiras rádios piratas e inserção das chamadas rádios livres, assim também como os alto-falantes usados como rádio popular. Nesse sentido, trata-se de um estudo que aponta os traços e conseqüências alternativas do meio radiofônico diante da convencionalidade e dos meios oficiais, apontando o caráter comercial das rádios piratas e o perfil popular das rádios livres e de alto-falantes, diante da organização dos movimentos sociais. Contudo, pretende-se observar, sob o prisma da alternatividade, a filosofia, os princípios e a estrutura dessas rádios a fim de caracterizar suas ações e direcionamentos ao longo do tempo.

Palavras-Chave: Alternatividade; Rádios Piratas; Alto-falantes.

Abstract

This present paper studies radio broadcasting alternative phenomena as first bootleg radio stations and insertion of those known as free radios, as well pole speakers used as popular radios. On this way, it's presented an approach that points its traces and alternative consequences on the radiophonic media against the conventionality and official media, also pointing the commercial character around the bootleg radios and the free radios and pole stations popular profile facing social movements' organization. However, it's intended to make an observation, under a focus on the alternativity, philosophy, principles and infra-structure of these radios in order to characterize their actions and directions along the time.

Keywords: Alternativity; Bootleg Radios; Pole Speakers.

---

[1] Jornalista, graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – pelas Faculdades Integradas de Patos, tendo como Trabalho de Conclusão de Curso a monografia *Rádios-poste: alternatividade da radiodifusão na cidade de Patos PB;*

[2] Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Federal da Paraíba; Professor do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – das Faculdades Integradas de Patos e orientador da monografia *Rádios-poste: alternatividade da radiodifusão na cidade de Patos PB,* que resultou neste artigo.

Introdução

Para situar os fenômenos da alternatividade na radiodifusão brasileira, alguns fatos históricos que aconteceram no contexto mundial, foram decisivos para a formação do modelo brasileiro de rádio alternativo.

Foi na década de 60, na Inglaterra, que a radiodifusão começou a ganhar novos formatos, que foram aos poucos desenhando as feições que o rádio adquiriu ao longo de sua história. O processo vindo da ousadia de jovens que desafiaram o monopólio das emissoras legais e da repressão dos governos ingleses em combater os atos de ilegalidade culminou no surgimento de rádios-piratas e livres que se proliferaram nos recantos mundiais e marcaram, a partir disso o nascimento da alternatividade radiofônica, até mesmo com alto-falantes usados como rádio popular.

1- Das Piratas às Livres

O termo rádio pirata começou a nascer quando na década de 60 alguns jovens ingleses, inconformados com o monopólio estatal, e revoltados com a programação das emissoras oficiais, resolveram montar uma estação sonora de forma ilegal em um navio na costa britânica. A estação não tinha concessão para funcionamento e ficava fora do controle das milhas marítimas, roubando as ondas das emissoras legais.

A fim de combater a nova estação, o governo ampliou seu domínio e conseguiu apreender os equipamentos. Em contrapartida, essa ação provocou reações na juventude, que a partir disso, fez surgir centenas de emissoras em território inglês e em vista desse acontecimento, as rádios piratas começaram a se difundir.

Da forma como os fatos ocorreram, torna-se fácil compreender a origem e definição do termo *rádio pirata*, que, de acordo com Sousa (1997), esse é um termo usado para qualificar as emissões não legalizadas, não concessionadas. Sobre a mesma definição Tomaz Pigatti[3] afirma que a aplicação do termo

---

[3] **Ver mais em**: http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/03/249552.shtm Acesso em 02/09/08.

refere-se especificamente as irradiações ilegais que transmitem do mar para a terra, roubando as ondas das emissoras legais.

O fenômeno das *rádios piratas* na Inglaterra tornou-se um marco na história da radiodifusão, que a partir disso passou a acompanhar os avanços tecnológicos do veículo e as modificações do processo e as segmentações dentro do meio.

Partindo disso, observa-se que essas emissões radiofônicas foram favorecendo a gradativa abertura de canais, que permitiram o aperfeiçoamento de várias atividades no campo do rádio e demais mudanças no processo comunicativo, mesmo que visando o lucro. No caso do Brasil, não se tem notícia de rádios piratas que tenham transmitido de dentro de barcos. Contudo, prevalece o fato de que as rádios piratas daqui são aquelas que têm como preocupação fundamental explorar o rádio comercialmente.

Com a proliferação de tantas rádios piratas na Inglaterra, essas emissoras foram renomeadas e passaram a se chamar *rádios livres*, já que o termo já não caracterizava a atividade que se desenvolvia a partir de então.

Considerando que na década de 20 o rádio no Brasil ainda era uma novidade, então a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, representou o pioneirismo da rádio pirata no Brasil, e que o próprio ato de Roquette Pinto, idealizador da rádio era um ato subversivo, mas que abriu a portas para a legalidade no Brasil:

> Roquette sabia que seu ato era um declarado ato de subversão. Transgredindo a legislação em vigor, a Rádio sociedade com certeza foi a pioneira das rádios piratas, abrindo as portas da legalidade para que no Brasil o rádio fosse livre, desde os momentos iniciais de sua implantação. (BLOIS, 2004, p.149).

Mas, no contexto histórico da radiofonia no Brasil, a Rádio Sociedade incorpora-se como uma expressão advinda com o intuito legal, já que até o momento o rádio não existia, de fato. Por isso, de maneira geral, acredita-se que a primeira rádio livre tenha sido uma emissora sindical que, em 1925, foi ao ar na Áustria e que a partir dessa experiência muitas outras foram surgindo e configurando um novo caráter ao veículo.

Enquanto o rádio se consolidava predominante nas mãos de poucos e se tornava um instrumento de espetáculo massivo surgiam na década de 70, as primeiras expressões de radiodifusão alternativa, voltada para as necessidades específicas de grupos que não eram privilegiados diretamente pela comunicação de massa e não participavam atualmente da gestão e produção desses meios. Foi nesse período, que a radiodifusão brasileira começou a ganhar novos contornos, e as chamadas rádios livres surgiram efetivamente com a mesma intensidade com que surgiram na Europa. Sobre esse fato, Peruzzo (1998, p. 243) afirma que as rádios livres dessa época cumpriram seu papel, tanto que conseguiram mexer com os sistemas oficiais de radiodifusão.

O surgimento das rádios livres no cenário brasileiro, marcado essencialmente pela adoção da alternatividade em contraponto à organização unilateral dos meios massivos, representou uma forma de protesto contra a hegemonia do veículo na busca por acessibilidade:

> As rádios livres, mesmo que algumas possam ter sido decorrência de aventuras sem maiores pretensões políticas, são, no conjunto, um protesto contra a forma de acesso aos instrumentos massivos e uma tentativa de conquistar a liberdade de expressão a qualquer preço. (PERUZZO, 1998. p. 245).

Foi com a gradativa abertura do regime militar que as rádios livres passaram a desenvolver-se de forma intensa em muitas cidades brasileiras. A primeira experiência foi a da rádio Paranóica, de Vitória (ES), criada em outubro de 1970 e fechada em fevereiro de 1971. Apesar de não apresentarem nenhuma reação esquerdista, os idealizadores da rádio, foram presos acusados de subversão. No entanto, a intenção dos dois jovens idealizadores, que tinham quinze e dezesseis anos, era tão somente praticar a arte da radiofonia. Mas a esse respeito, muitos estudiosos garantem que desta iniciativa surgiu no Brasil, uma luta intensa por democratização da informação. Ou seja, as rádios livres desenvolveram-se como expressão de grupos descontentes com o sistema de comunicação e a concentrada distribuição de

canais. Essa determinação *militante* e *engajada* das rádios livres pode ser sentida nas palavras de NUNES (1995).

> As rádios livres funcionam como uma espécie de tropa de choque, que vai na frente, abrindo caminhos para a batalha constitucional pela democratização da comunicação. Dessa forma, hoje, quando constatamos algumas mudanças nos meios oficiais, que tentam se adiantar às reivindicações nessa linha, elas também podem ser atribuídas à ação do movimento.

Foi nesse mesmo período que as rádios oficiais sentiram a pressão exaustiva e insistente dos demais setores sociais, que até então, não possuíam um canal autêntico de expressão. O objetivo de se “fazer rádio” apenas como hobby passou a exercer funções mais relevantes no contexto social. Nesse caso, a luta pela utilização de um veículo de comunicação como instrumento funcional no processo dialógico resultou em novas modalidades de radiodifusão preocupadas com a centralização dos meios massivos e com a problemática sócio-econômica e política do país. Peruzzo (1998, p. 126) define o que vem a ser rádio livre e os ideais que a ação delas congrega:

> A rádio livre é aquela que, numa conjuntura conflitiva ou não-conflitiva, ocupa um espaço no dial dos receptores sem ter recebido a concessão de um canal [...] é normalmente operada por amadores, que entram no ar correndo todos os riscos previstos pela legislação, como sua prisão e o lacramento ou apreensão dos transmissores [...]. Em geral, representa uma forma de contestar o sistema de radiodifusão vigente, que priva a maior parte das organizações da sociedade civil do acesso às ondas sonoras.

Somente a partir da compreensão das rádios piratas, livres ou mesmo chamadas de clandestinas, se pode apontar alguns direcionamentos e abordar diferentes questões que surgem ao passo em que afloram no seio social. É através das manifestações populares que o alternativo se contrapõe ao convencional e permite uma releitura do processo, mesmo diante dos meios massivos, e a eclosão de várias modalidades alternativas de comunicação.

2- Alto-falantes: amplificando a voz do povo

A eficácia e a atuação dos sistemas de rádio no Brasil não dependem apenas dos aspectos tecnológicos ou da legislação em vigor. É preciso lembrar que o processo depende muito mais da criatividade dos atores sociais e da necessidade de participação nos veículos de comunicação. Isso justifica a multiplicidade dos meios alternativos que surgiram ao longo dos anos para promover a abertura dinâmica dos veículos para a participação popular, como por exemplo, a proliferação de alto-falantes e difusoras.

As diversas formas alternativas de comunicação, incluindo os alto-falantes, surgiram ao mesmo tempo em que a mídia convencional fortificava seu poderio. No entanto, representou, sobretudo, uma resposta às limitações apontadas pelos meios oficiais. Essas formas de alternatividade estiveram relacionadas a uma realidade de carência, seja de oportunidades, de espaço, de bens materiais ou de informação, dentro dos movimentos.

Foi somente com a organização sistematizada dos movimentos populares e grupos sindicais que os alto-falantes ganharam feições diferenciadas e passaram a representar a participação do povo no processo comunicativo.

E foi com a dinâmica dos movimentos populares que o uso de alto-falantes se propagou. Eles funcionam, na verdade, como um sistema de amplificação, ou seja, de transmissão local de curto alcance, em que a mensagem transmitida é recebida por um receptor que decodifica os sinais levados pelo aparelho através de ondas curtas. Contudo, os alto-falantes acabam limitando o campo da recepção, já que apenas amplificam os sons.

Os primeiros alto-falantes surgiram entre 1924 e 1925, como equipamento capaz de ampliar o som produzido pelos fonógrafos primitivos. A multiplicidade de formas desses meios é-nos indicada por Uribe (2004, p. 115)

> Existem sistemas de alto-falantes fixos, é o caso dos que estão instalados em locais comerciais, comunitários, religiosos, educativos, governamentais e de outra natureza. Também existem sistemas móveis instalados em carros; se encontram casos nos quais o sistema é carregado em bicicletas, carrinhos rodantes, e inclusive em veículos de tração animal (cavalos, burros).

O seu uso difundiu-se em praças, mercados, paróquias, favelas, escolas e em muitos outros lugares. Silva (2006) afirma que o serviço de som por sistema de alto-falante se popularizou desde a sua implantação, visto que era um meio em que todos podiam ter acesso devido a sua linguagem oral.

O sistema de alto-falantes está entre um dos principais instrumentos da comunicação popular. Referimo-nos aqui especificamente aos alto-falantes fixos, sejam cornetas ou mesmo caixas acústicas, que localizados em pontos estratégicos, têm se tornado cada vez mais presentes no cotidiano da população na medida em que alcança determinada localidade.

Através desse sistema surgiram as chamadas “rádio poste”, “rádio corneta”, “difusora” ou “rádio popular”. Contudo, faz-se necessário atentar para outras feições adquiridas pelo sistema. Nesse caso, Uribe (2004) detalha algumas modalidades de uso mais comuns, que entre elas pode-se perceber determinados pontos de homogeneidade conceitual que dificultam a acertada discrição dessas formas de utilização. Eis algumas formas de uso incontestáveis:

- *Uso comercial:* Essa forma é a mais conhecida de todas. Se refere a maneira como algumas pessoas promovem pequenos negócios através do anúncio dos produtos. Ou seja, o dono do equipamento recebe uma determinada quantia pela divulgação, ou pelo aviso transmitido pelo sistema.
- *Uso político:* Essa modalidade torna-se comum em período eleitoral para uso de propagandas. Seu uso também é comum na convocação para assembléias, reuniões e marchas.
- *Uso religioso:* nesse quesito, os alto falantes tornaram-se conhecidos como “difusoras”, que se destacaram como instrumentos para difundir a “palavra de Deus”. Para exemplificar esse uso, referimo-nos aos megafones usados por pastores evangélicos ou mesmo aos equipamentos de amplificação de sons colocados nas torres de igrejas católicas.
- *Outros usos:* Os alto-falantes têm sido bastante usados, em diversos países, em projetos de cultura, saúde, comunicação, educação e organização comunitária e desenvolvimento local. Principalmente em países com altos índices de analfabetismo e condições econômicas

difíceis, localizados em lugares, que por suas características geográficas, não chegaram outros meios de comunicação mais sofisticados e onde a rádio massiva não cobre todo o território.

- *Uso como rádio popular:* Os alto-falantes passaram a ser usados como rádios populares, mas também são chamados de emissoras barriais, rádios de vizindários, ou rádios "sem antena". Existem razões históricas, sócio-políticos, econômicas e culturais, assim como as originadas pelo uso que se faz do sistema de alto-falantes, que permitem a denominação de rádio popular para inúmeras experiências comunicativas desenvolvidas com este meio.

Devido às características peculiares e a simplicidade de seus equipamentos, os alto falantes tornaram-se um meio de comunicação de fácil manuseio para pessoas não especializadas, que mesmo desconhecendo as técnicas da radiofonia conseguiram gerar a partir deste um instrumento para trabalhar as necessidades comunicativas da realidade local.

O termo rádio popular nos sugere a idéia de que o povo participa, de fato, como emissor e receptor. A esse respeito, Uribe (2004) cita que, segundo a pesquisadora argentina Maria Cristina Mata, "a denominação 'rádio popular' indica que são setores populares os que ocupam um lugar central como sujeito, fonte e destino de sua ação". Uribe (2004) também menciona que as rádios populares, de acordo com Juan Gargurevich[4] também chamadas de emissoras barriais representam um "canal de informação e mobilização para obras de benefício comum".

O sistema é de curto alcance e sua ampliação depende da instalação de mais caixas de som e cornetas. Contudo, a iniciativa de utilizá-lo como meio de comunicação já o caracteriza como meio popular.

Emergindo em contextos caracterizados por determinadas condições sociais, o sistema de alto-falantes surgiu em locais com problemas de infra-estrutura, de educação e carência de organização comunitária. Sendo assim, vale destacar a relevância dentro das comunidades menos favorecidas e com

---

[4] Juan Gargurevich, "Radio y Comunicación Popular", in: Educación y comunicación Popular, Luis Peirano e outros, (Peru: DESCO-IPAL, 1985), p. 44. **Citado por** URIBE, Esmeralda Villegas Alto-falantes: Formas autônomas de expressão e de desenvolvimento local. In: PERUZZO, Cicília Maria Kroling (Org.). **Vozes Cidadãs:** aspectos teóricos e análises das experiências de comunicação popular e sindical na América Latina. São Paulo: Angellara Editora, 2004.

alto índice de analfabetismo, uma vez que, para superar as limitações de leitura desenvolveu-se como forma de promover comunicação oral e facilitar a expressão e participação de todos.

Sua emergência como *rádio popular* adquiriu feições diferenciadas, de acordo com a realidade em que se inseriu e as concepções de seus grupos, sujeitando-se a transformações, dependendo do contexto:

> As próprias rádios populares de alto falantes, estão sujeitas às transformações conceituais e metodológicas, políticas, produtivas, administrativas, estéticas e técnicas, entre outras. O meio não pode fechar-se às realidades cambiantes do cenário político e social atual, das revisões e modificações em torno ao campo da comunicação, da cultura e da tecnologia. Urge a emergência de novas concepções e novas práticas acordes com as exigências das novas realidades. (URIBE, 2004, p.130-131).

Apesar de ser uma prática muito antiga no Brasil, apenas na década de 80 as rádios de alto-falantes viveram o seu apogeu. Foi quando muitas comunidades passaram a utilizar o sistema para levar mensagens aos moradores locais. A partir disso, o meio passou a representar um espaço de comunicação ligado aos interesses dos moradores, dinamizando os movimentos, impulsionando a participação e assumindo um papel fundamental no processo de transformação da vida comunitária.

O sistema se tornou comum entre os movimentos populares, grupos sindicais e religiosos, nos centros comerciais, nas vilas, favelas, escolas, bairros e nas paróquias. Seu uso tem sido essencial na divulgação de fatos, convocação de reuniões e assembléias comunitárias, informação sobre debates, eventos educativos e religiosos, apoio nas campanhas de educação e saúde, organização de protestos e mutirões e outras atuações.

> O uso do meio como rádio popular, é orientado, por concepções de comunicações diferentes às denominadas tradicionais, com outros objetivos, metodologias, propostas de produção e de funcionamento. [...] tal uso, na maioria dos casos, é articulado com movimentos sociais de diversa natureza e características, estruturadas em maior ou menor grau. (URIBE, 2004, p.118).

A realidade é que no Brasil, a tecnologia no campo da radiodifusão está cada vez mais avançada. As rádios oficiais ganham a cada dia um diferencial e adquirem feições renovadas, mas não extinguem a prática do rádio popular. Nesse sentido, é importante lembrar que apesar de ser uma prática antiga, foi na década de 80 que as rádios de alto-falantes viveram seu ápice no Brasil e foi a partir disso que elas começaram a se remodelar e mesmo a se acomodar diante das tecnologias e das possibilidades de novos avanços.

O sistema de alto-falantes ou as difusoras foram, em muitos casos, antecessores do rádio com freqüência, abrindo as portas para a radiodifusão, e apesar de rudimentares, eles representaram, sobretudo, alternativas encontradas para suprir o vácuo deixado pelos meios massivos e alcançar as várias camadas desprestigiadas da população, além de inspirar outros sistemas de radiodifusão, como é o caso das rádios-poste, inspiradas nas avelhantadas cornetas.

Muitos defensores incansáveis da tecnologia, os mais radicais da pós-modernidade, talvez não reconheçam a contribuição dos alto-falantes, um sistema tão antigo diante da atualidade. Contudo, seria errôneo negar o papel relevante desses meios, tendo em vista o acesso facilitado das camadas menos favorecidas no processo comunicativo.

É por isso que até hoje, mesmo depois de tantos avanços e descobertas, muitos grupos populares recorrem aos alto-falantes para socializar as informações ou mesmo para dizerem a que vieram. Não é a toa que um sistema tão simples tenha resistido a tanto tempo sem cair em desuso, de fato.

Atualmente, mesmo diante de tantos avanços tecnológicos, é comum que as pessoas caminhem pelos centros e absorvam os conteúdos transmitidos pelas caixas de som afixadas nos postes das vias públicas. São músicas, notícias, recadinhos, notas de desaparecimento ou de documentos perdidos, convocações de reuniões, e propagandas. Mas representam, em essência, a abertura de canais de participação do povo.

REFERÊNCIAS

BLOIS, Marlene M. **Rádio Educativo:** uma Escola de vida e de cidadania**.** In: BARBOSA FILHO, André; PIOVESAN, Ângelo; BENETON, Rosana. **Sintonia do Futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004.

NUNES, Marisa Aparecida Meliani. **Rádios Livres:** O outro lado da Voz do Brasil. São Paulo: 1995. Dissertação. Mestrado em Ciências da Comunicação. Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. USP.

PERUZZO, Cicília Maria Kroling. **Comunicação nos Movimentos Populares** – a participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SILVA, Sílvia Tavares da. **Comunicação Popular o que é, como se faz?** algumas experiências com sistemas de alto-falantes em Campina Grande. Campina Grande – PB, 2006, 66fls. Monografia. Departamento de Comunicação Social UEPB.

SOUSA, Sandra Sueli Garcia de. **Rádios Ilegais:** da legitimidade à democratização das práticas. São Bernardo do Campo, 1997. Dissertação de Mestrado. Centro de Pós Graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Bernardo do Campo- UMES.

URIBE, Esmeralda Villegas. Alto-falantes: Formas autônomas de expressão e de desenvolvimento local. In: PERUZZO, Cicília Maria Kroling (Org.). **Vozes Cidadãs:** aspectos teóricos e análises das experiências de comunicação popular e sindical na América Latina. São Paulo: Angellara Editora, 2004.